

ENTREVISTA COM O PROFESSOR ORLANDO VALVERDE* **

ORLANDO VALVERDE - nasceu no Rio de Janeiro em 1917. Formou-se em Geografia em 1938 pela Universidade Municipal do Rio de Janeiro. Liga-se ao Conselho Nacional de Geografia em 1938 onde foi secretário assistente. Em 1945 segue com outros geógrafos para os Estados Unidos onde estuda com Leo Waibel e faz contatos com Richard Hartshorne e Triewortha. Colaborou sob a direção de Fábio Macedo Soares Guimarães com o plano de mudança da Capital apresentado ao Congresso em 1947. Até 1965 foi professor secundário e neste mesmo ano foi para a Califórnia como professor visitante onde ministrou curso sobre Geografia Agrária Tropical. Em 1967 ministrou curso na Universidade de Heidelberg e em 1969 em Bordeaux. Lecionou também na PUC do Rio de Janeiro. Foi presidente da AGB de 1984 a 1986. Atualmente desenvolve pesquisas sobre a Amazônia.

GEOSUL - Temos por hábito iniciar a entrevista com nossos convidados falando sobre o início de sua vida, onde nasceu, onde passou a infância, os primeiros anos de escola inclusive Universidade.

VALVERDE - Eu sou do Rio de Janeiro. Nasci no centro do Rio, praticamente na esquina da Avenida Rio Branco com Ouvidor, em abril de 1917. Quando completei 2 anos, minha família tinha se mudado para o Engenho Velho, no caminho para a Tijuca, numa casa de centro de terreno, com árvores frutíferas, de onde se podia ver, da varanda dos fundos, o Sumaré já todo invadido pelo "colonião", onde o desmatamento tinha sido feito talvez uns 2 séculos antes, com a penetração do café no Sudeste. Ele começou pela cidade do Rio de Janeiro mesmo. Sempre tive uma curiosidade muito grande. Que haverá atrás daquele morro? Pensava eu, quando vinham, trazendo mau tempo, as massas frias, vindas do sul. As nuvens porejavam pelo alto da montanha e, descendo, provocavam chuvaradas. Aquilo para mim era um desafio. De vez em quando,

*Participaram desta entrevista, realizada em outubro de 1991, os professores Maria Dolores Buss, Arlene M.M. Prates e Cesare Giuseppe Galvan.

**Entrevista originalmente publicada na Revista Geosul nº 11, Ano VI - Primeiro Semestre de 1991.

GEOSUL - nº 12/13 - Ano VI - 2º sem. 1991 e 1º sem. 1992.

eu, com meu irmão e amigos fazíamos excursões, passeios, como por exemplo, à cascatinha da Tijuca, no Alto da Boa Vista; ao reservatório de água potável, situado na Fábrica das Chitas, um bairro que ainda tinha mata e um reservatório, de onde a água vinha direta para as casas, sem tratamento nenhum. Brincávamos pendurados em cipós, em cima do reservatório, balançando como "tarzãs" e, quando o guarda não estava, tomávamos banho, às escondidas.

Estudei sempre em escola pública; uma escola pública muito mais apropriada, mais digna. A escolinha em que estudei estava localizada na esquina da rua São Francisco Xavier com Almirante Cochrane; chamava-se Bezerra de Menezes. Lá aprendi muita coisa, além de Português, Matemática, Geografia, História, História Natural... Eu conheci os principais ossos do esqueleto humano na escola primária! Como só permitiam a admissão ao curso secundário com 11 anos completos, e eu só tinha dez quando terminei o primário, tive que fazer um ano de estudos em escola particular. Era no Alto da Tijuca, num lugar muito agradável e bonito.

Fiz admissão para o Pedro II, colégio-modelo, padrão para o curso secundário; lá tirei meu curso todo. Tive professores excelentes: lembro-me bem que o professor de Português era Antenor Nascentes, um nome nacional. O professor de Francês, Gastão Ruch, era um suíço naturalizado brasileiro, de Genebra. O francês que sei até hoje veio daquele colégio; e, muitos anos depois, dei aulas e fiz conferências na França. Quando eu estava com 15 anos e tinha passado para o 5º ano, minha mãe me aconselhou a fazer o vestibular para o Curso Prévio da Escola Naval, a fim de ter logo uma carreira. Passei, e fui para Marinha. Mas aquilo que eu achava poder ser um lugar de estabilidade, onde poderia viver tranqüilamente, foi um lugar de desilusões. No primeiro ano que lá estive, já senti que não era um homem talhado para ser militar, porque o militar tem que viver obedecendo. Ele obedece, segue a rotina a toques de corneta, campainhas, alarmes. A carreira militar também estimula, a meu ver, o egoísmo, porque uma pessoa só é promovida quando um superior morre, e ele passa a competir com os

antigos colegas.

Além disso, havia naquele tempo na Marinha, um movimento muito forte, quando eu já tinha passado para o 2º ano superior, em favor do Integralismo. Praticamente a escola inteira aderiu a ele. Era o fascismo nacional, de camisa verde, em vez dos camisas pardas da Alemanha ou os "camicie nere" da Itália. Eu sempre fui contra toda forma de opressão do homem pelo homem.

GEOSUL - Professor, essa sua passagem pela Marinha é de pouco tempo?

VALVERDE - Não; foram 3 anos de minha vida que lá passei, onde ganhei só 3 coisas: uma boa base de matemática; uma obrigatoriedade de exercícios físicos (remo, natação), e a capacidade de estudar sozinho; porque os professores iam lá, despejavam as aulas na nossa cabeça e indicavam livros, onde a gente ia "cavar" a matéria, isto é, realmente ia apreender. Havia disciplina no estudo: em certas horas da noite não se podia conversar; era estudar ou ficar calado, quieto. Eu preferia estudar.

Fora disso nada, até quando houve um golpe, uma quartelada da Aliança Nacional Libertadora. Quiseram-nos implicar naquilo. Eu não conhecia ninguém do golpe; mas, mesmo assim, puseram-nos para fora. Eramos 11; acho que foi o primeiro "grupo dos 11" deste País. A maioria do nosso pessoal foi para a engenharia; mas eu tinha acabado os exames de matemática e estava cansado, aborrecido; não quis fazer o curso logo; quis esfriar um pouco a cabeça, até que três meses depois apareceu um concurso para a Universidade do Distrito Federal. Era uma Universidade municipal do Rio de Janeiro, criada no Governo de Pedro Ernesto, sob a orientação de Anísio Teixeira, um dos grandes pedagogos deste país. Eu me inscrevi lá. Queria fazer Geografia e História, mas tive que optar, porque havia colisão de horários. Optei pela Geografia. Por que? Porque no Colégio Pedro II eu tinha tido um professor que muito me impressionou: era um boêmio completo; vivia em farras, de vez em quando apare-

cia com a camisa suja de batom e o rosto tresnoitado, em ressaca. Por isso, não dava aulas a maior parte do ano. Mas em determinados dias, umas duas ou três vezes por ano, ele chegava, dava um soco na mesa e dizia: "hoje vou dar aula". Botava uma meia dúzia de bagunceiros para fora e dava uma aula que me deixava boquiaberto.

GEOSUL - De geografia?

VALVERDE - De Geografia. Eu não tomava uma nota nessa aula. Lembro-me, por exemplo, de "Fronteiras do Brasil e a Obra de Rio Branco". Ele deu uma aula que, 20 anos depois, eu, como professor, verifiquei com certo ciúme que estava repetindo as palavras dele para meus alunos, embora sem ter tomado uma nota sequer. Aquilo me marcou! Chamava-se Fernando Antonio Raja Gabaglia. Foi diretor do Colégio Pedro II durante muito tempo. Era, ademais, pessoa muito humana. Fez, mais tarde, concurso de Direito Internacional e obteve a cátedra na Faculdade de Direito com a tese - "Fronteiras do Brasil e a Obra de Rio Branco".

Além disso, eu ouvi, ainda no curso secundário, falar nos clássicos da Geografia, sem saber uma palavra de língua estrangeira. Eu me lembro das citações de: Albrecht Penck, Olinto Marinelli, Luigi De Marchi, Ferdinand von Richtofen, Alexander Supan... Depois, vim conhecer o livro deste Autor no original, em Heidelberg, mas só 30 ou 40 anos mais tarde... Então, segui a Geografia. Lá, estudei também com professores franceses, tínhamos aula em francês, na Universidade, como, por exemplo, com Pierre Deffontaines que, mais que um professor, foi um amigo, um coração de ouro. Fazia Geografia Humana no velho estilo lablacheano. Ele fez o programa de Geografia da Universidade; fundou em São Paulo, e depois no Rio de Janeiro, a Associação de Geógrafos Brasileiros.

GEOSUL - A Associação de Geógrafos Brasileiros?

VALVERDE - Então, ele...

GEOSUL - Nessa época o Senhor era aluno?

VALVERDE - Eu era aluno da Universidade. Minha turma era muito pequena, tinha 6 alunos; eram assim verdadeiras aulas particulares. Nessa ocasião, um dos meus colegas, engenheiro já formado, uns 11 anos mais velho que eu, mas igualmente entusiasmado por Pierre Deffontaines, resolveu tomar o curso também. Chamava-se Cristóvão Leite de Castro. Em 1938, quando estávamos num intervalo de aulas, tomando cafezinho num botequim sôrdido em frente ao prédio onde funcionava a Universidade, ao lado do Palácio do Catete, ele me perguntou: Orlando, você quer trabalhar comigo, no futuro?

- Em quê?

- Vamos fazer Geografia para o Governo.

Fiquei um pouco assustado, porque, para mim, Geografia era só para ensinar, e disse:

- Eu sou um homem maldito, não tenho perspectivas; então, vou com você aonde for. Se o "negócio" der bom resultado, ótimo! Senão tudo bem, continua tudo como dantes. Mas nunca tinha ouvido uma coisa tão esdruxula! Bom, então está combinado. Pensei comigo mesmo: "você tomando café fica "de porre". Eu achava que ele estava sonhando. O fato é que três meses depois ele me chamou. Trabalhei de graça outros três meses, de julho a setembro. No dia 19 de outubro de 1938 fui trabalhar como primeiro contratado pelo I.B.G.E. no ramo da Geografia.

GEOSUL - Ah! Interessante isso! O I.B.G.E. já existia?

VALVERDE - Não, existia o Instituto Nacional de Estatística, criado por Teixeira de Freitas e iniciado em 1934. Em 1936 Getúlio Vargas aprovou o decreto-lei 311, desdobrando o Instituto Nacional de Estatística em três ramos: o Conselho Nacional de Estatística, o Conselho Nacional de Geografia e o Serviço Nacional de Resenseamento. O CNG foi implantado em 38. Em 19 de outubro fui chamado para traba-

lhar, ganhando a "fabulosa" quantia de 1 conto de réis. Sem a inflação, isto seria hoje 1 bilionésio de cruzeiro; mas, naquele tempo não havia no CNG nenhum salário igual. Os meus colegas do Ministério da Agricultura, trabalhando para esse órgão ganhavam 200 ou 300 mil réis, e eu comecei com 1 conto! Muita gente tinha até ciúme disso. Era tanto dinheiro que, sendo eu solteiro e morando com minha mãe, dava metade pra ela. Pude comprar roupas e me tornei novamente um homem independente, coisa que eu tinha deixado de ser, quando saí da Marinha.

GEOSUL - E a função nesse contrato como Geógrafo, no I.B.G.E.? Já desempenhava...

VALVERDE - Não, não existia carreira de geógrafo. Eu era secretário-assistente, mas fiz de tudo: correspondência, pagamento dos meus colegas (em dinheiro vivo!)... Eu ia no Edifício d'"A Noite", na praça Mauá, recebia um cheque de 30 contos de réis, ia no banco, punha o dinheiro na mala e o colocava em cima da mesa, em notas separadas. Pela lista dos funcionários, ia juntando as notas e as dava a cada um. Não havia assalto naquele tempo; só existiam ladrões de galinha e coisas semelhantes. Fizemos várias mudanças de sede: carregávamos trabalhos, ajudávamos a carregar caminhões, arrumar livros na biblioteca, tudo isso eu fiz. Enfim, também secretariava. O CNG era um órgão colegiado, que tinha reuniões anuais. O órgão supremo era a Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia, que se reunia anualmente, tendo um representante de cada Estado. O de Santa Catarina se chamava José Nicolau Born, que ficou muito meu amigo. Entre as Assembléias Anuais, realizadas em julho, havia o Diretório Central do Conselho, com representantes de cada ministério e de órgãos afins. Por exemplo, o Ministério da Fazenda mandava o Diretor do Patrimônio da União, coisa muito ligada à Geografia; o Diretor de Hidrografia e Navegação representava a Marinha; do Ministério da Guerra, hoje Ministério do Exército, vinha o Diretor do Serviço Geográfico do Exército. Havia também

um representante das chamadas organizações "doutas": o Clube de Engenharia, o Observatório Nacional, o Arquivo Nacional, a Associação dos Geógrafos Brasileiros, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (hoje Sociedade Nacional de Geografia) e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

GEOSUL - Eles todos faziam parte do Conselho Nacional de Geografia?

VALVERDE - A Assembléia tinha uma função normativa e o Diretório Central tinha uma função executiva. O executor daquilo era o Secretário Geral, que era o meu colega Cristóvão Leite de Castro. Então, a Geografia explodiu num surto extraordinário! O objetivo inicial do Conselho Nacional de Geografia era a atualização e a reedição da Carta do Brasil ao milionésimo. Os trabalhos cartográficos começaram pela elaboração de mapas municipais, que serviriam de apoio cartográfico ao recenseamento geral da República em 1940. Depois de um certo tempo, foi contratado o Prof. Alírio Hugueney de Mattos, da Escola Politécnica, que ficou sendo o Diretor da Divisão de Cartografia, depois ampliada, envolvendo divisões de Geodésia, Astronomia e Aerofotogrametria. A campanha de determinação de coordenadas das sedes de município de todos os Estados do Brasil foi uma coisa extraordinária. Nessa campanha conheci Victor A. Peluso Júnior, engenheiro enviado por Santa Catarina. Ele foi capturado pela Geografia, porque depois de trabalhar como astrônomo, geodesta etc., apaixonou-se pela geografia. Num concurso público de monografias geográficas, promovido pelo CNG, ele entrou e ganhou. A obra premiada chamava-se "Lages, a Rainha da Serra".

GEOSUL - Está sendo editada agora.

VALVERDE - Aí começou a nossa amizade. Vários serviços geográficos e cartográficos estaduais foram inaugurados ou reativados e a Geografia tomou um impulso formidável.

GEOSUL - Nessa época o senhor já estava como Geógrafo?

VALVERDE - Não, oficialmente eu era secretário-assistente. Eu elaborava as atas das Assembléias Gerais, em julho, e do Diretório Central durante o ano inteiro. Também fazia a correspondência.

GEOSUL - Fazia Geografia também?

VALVERDE - Não, muito pouco. Até que, a partir de 1945, o Conselho resolveu mandar para o exterior alguns geógrafos para se aperfeiçoarem em pesquisa de campo, para fins de planejamento Regional. Vou dizer-lhe uma coisa que pouca gente sabe: O Brasil foi o 1º país do mundo que, fora de ambiente universitário, elaborou trabalhos de Planejamento Regional. Dez anos depois, seguiu-nos o Canadá, imitando o modelo do Brasil.

GEOSUL - Aí, o senhor foi para os Estados Unidos?

VALVERDE - Em 1945, quando a Alemanha já se tinha rendido, mas o Japão ainda não, fomos 5 geógrafos para os Estados Unidos: o chefe do grupo era Fábio de Macedo Soares Guimarães; Lúcio de Castro Soares, Lindalvo Bezerra dos Santos e José Veríssimo da Costa Pereira e eu completávamos a comitiva. Fábio Macedo Soares Guimarães e eu ficamos na Universidade de Wisconsin, Lucio de Castro Soares e Lindalvo Bezerra foram para a Universidade de Chicago; José Veríssimo da Costa Pereira ficou na Northwestern University.

Lá permanecemos 14 meses. Depois de um período longo de isolamento, mandei vir minha mulher, e o Fábio, a mulher dele. Assim ficamos com as esposas mais um tempo. Foi a nossa primeira experiência americana. O fato é que, nesse curso, estudamos com um professor americano naturalizado, alemão de nascimento; o professor Leo Waibel. Ele tinha sido doutorado em Heidelberg; depois, se tornou diretor do Instituto de Geografia da Universidade de Bonn, o maior

de toda a Alemanha naquele tempo. Durante o governo de Hitler, Waibel tinha dois motivos grandes de incompatibilização com o regime: primeiro, porque casou com uma mulher de origem judia, que não praticava a religião, mas não era ariana; segundo, porque ele publicara em 1933, em Breslau, um pequeno livro, intitulado "Problems der Landwirtschaftsgeographie" (Problemas de Geografia Agrária), em que, num dos capítulos, mostrou que os "boers", embora descendentes de holandeses, portanto arianos, devido ao isolamento econômico e cultural tinham baixado seus padrões até o nível de pastores nômades. Na conclusão, ele afirmou então que a teoria de "Blut und Boden" (sangue e solo), a teoria racista, não era verdadeira. Isto em 1933, justamente quando Hitler subiu ao poder! O livro foi queimado.

GEOSUL - Ele teve que fugir?

VALVERDE - Não, propriamente. Primeiro, ele foi intimado pelo partido nazista, pressionando o Reitor da Universidade, para que fizesse, antes de iniciar as aulas, a saudação "Heil Hitler". Ele se recusou. Então, o partido nazista mandou como emissário um "chefão" lá; um militar que, perante o Reitor e a congregação foi intimá-lo a fazer o "Heil Hitler". Quando o "chefão" lhe estendeu a mão, ele pôs as suas mãos para trás e virou-lhe as costas. Não sei como não foi parar num campo de concentração! Ele foi, em seguida, aposentado compulsoriamente. Mas os alunos gostavam tanto dele que iam visitá-lo em casa, para ter aulas. O Serviço Secreto soube, e aí o proibiu de lecionar em toda Alemanha. Estava ele em tratamento de nervos, quando o geógrafo americano Richard Hartshorne, voltando de uma excursão à URSS, sendo um grande admirador das obras de Waibel, o visitou e se interessou em levá-lo para os Estados Unidos. De volta, ao seu país, obteve de Isaia Bowman, presidente da John Hopkins University, que enviasse a Waibel uma carta de chamada. Ele pôde, assim, vir para os E.U.A., mas trazendo apenas duas malas e 28 dólares no bolso, nada

mais.

GEOSUL - É nos Estados Unidos que vocês têm contatos com ele.

VALVERDE - Isso foi em 1939, antes de nós chegarmos. Antes, ele fez uma série de pesquisas na América Central, preocupado com o problema da transferência de população, quando a Guerra terminasse, por causa da desorganização de toda vida social da Europa. Mais tarde, ele se mudou para Wisconsin. Aí, nós o conhecemos e tivemos com ele aulas de "Geografia da África", "Geografia da América Central" e também um privilégio: nós pedimos e ele aceitou dar-nos um curso especial de leituras sobre Geografia Tropical, porque éramos brasileiros, e ele gostava muito da gente. Era uma verdadeira aula particular gratuita, duas vezes por semana. Constava de leituras e debates. Foi uma coisa esplendorosa! Depois, o novo Diretor do Departamento, Prof. Trewartha, procurou impedir os nossos colóquios. Exigiu que tirássemos com ele um curso sobre Extremo Oriente, como condição sine qua non para obter o mestrado. Imediatamente abandonamos o mestrado e continuamos com Waibel. Aí, apelamos para que Cristóvão Leite de Castro o convidasse a vir ao Brasil. Waibel aceitou o convite em 1946. Quando retornamos dos Estados Unidos, eu o segui como um cachorrinho, tornei-me seu assistente. O primeiro projeto de Waibel no Brasil era organizar um "Atlas de Colonização do Brasil", que não chegou a termo. Eu passei, assim a conhecer mais o Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul que o meu Estado. Depois, sob a orientação de Waibel, trabalhamos no plano de mudança da capital, cujo relator foi Fábio Macedo Soares Guimarães; nós todos colaboramos. O relatório foi apresentado ao Congresso, que o modificou, por motivos políticos; mas isto não interessa. O texto básico para a localização de capital foi fornecido pelo Conselho Nacional de Geografia.

GEOSUL - Em que data foi isso?

VALVERDE - 1947.

GEOSUL - Nesse projeto tinham outros geógrafos?

VALVERDE - Francis Ruellan estava lá e levou uma equipe de 40 pessoas, divididas em várias sub-equipes, mas o pequeno grupo de Waibel teve mais repercussão. É verdade que seus profissionais tinham mais experiência.

GEOSUL - O documento final foi apresentado ao Congresso?

VALVERDE - Esse relatório foi publicado na "Revista Brasileira de Geografia" por Fábio M. Soares Guimarães, e eu próprio tratei da parte editorial. Intitulou-se "O Planalto Central e o Problema da Mudança da Capital".

Waibel foi-se embora em 1950, para não perder a cidadania americana. Depois de 1 ano na Universidade de Minnesota, voltou para Alemanha e lá reconquistou os direitos primitivos que lhe haviam sido cassados, inclusive recebendo os atrasados. Foi só acontecer isso e, em seguida, teve um enfarte. Na data em que convocara 7 discípulos, diretores de institutos de Geografia para transmitir-lhes a experiência que tinha ganho no Brasil e combinar uma forma de colaboração mais estreita entre a Geografia Alemã e a brasileira, os alunos foram para o funeral. Ele tinha combinado comigo escrevermos juntos uma Geografia Agrária do Brasil: ele faria a parte da agricultura e eu faria a da pecuária. Eu já tinha juntado bastante material, porém, com a morte do mestre, senti-me na obrigação de cumprir a tarefa sozinho, e comecei. Publiquei o primeiro volume, tratando das condições naturais, ou seja, ambientais, do Brasil e a Economia de Coleta - Coleta Selvagem, Coleta Comercial e seus principais produtos. Já tinha uma quantidade de capítulos elaborados sobre a parte econômica, propriamente das culturas, dos sistemas agrícolas do Sul do Brasil; as "plantations"... Já estava também coletando material sobre o problema social da crise agrária, quando sobreveio o golpe militar de 1964. Só saiu o primeiro

volume. Se tivesse saído a obra toda, eu iria para a cadeia, porque falava em Reforma Agrária.

GEOSUL - Não foi publicado o 2º volume?

VALVERDE - Não, o 2º volume, como seus capítulos eram independentes, eu os publiquei, dispersos, em diferentes lugares. Por exemplo, o "Sistema de Roças" publiquei primeiro em Portugal, na revista "Finisterra". Mais tarde, tendo eu enriquecido minhas experiências sobre esse tema, tornei a publicá-lo, melhorado, no "Heidelberg er Geographische Arbeiten". O capítulo sobre as "plantations" de cana de açúcar, café, cacau e outros produtos apareceu em Bordeaux, numa publicação especial sobre os trópicos brasileiros. A respeito dos sistemas agrícolas dos colonos do Sul do Brasil, publiquei apenas os referentes à "Colonização Italiana", matéria que me foi pedida da Itália, para a "Revista di Agricoltura Sub-Tropicale e Tropicale", de Firenze. Intitulou-se "A influência da Colonização Italiana na Agricultura Brasileira", "A Fazenda de Café Escravocrata no Brasil" e veio a lume primeiramente na Venezuela, na Universidade de Mérida. Voltei a publicar em Portugal "Gênese e Evolução do Problema Agrário Brasileiro", aparecido também na revista "Finisterra". Houve, portanto, uma verdadeira "implosão" do segundo capítulo do citado livro, cujos tópicos foram depois reunidos em um livro, já esgotado, da "Editora Vozes", chamado "Estudos de Geografia Agrária Brasileira".

GEOSUL - O que a gente tem percebido no seu trabalho é que o Senhor não se caracteriza, por exemplo como dentro da Geografia Humana ou da Geografia Física. O Senhor trabalha nas duas áreas. Está correto isso?

VALVERDE - Absolutamente certo, porque eu acho que a Geografia é uma Ciência que está na charneira das ciências físicas e naturais e das ciências sociais. Como dizia ironicamente Fábio Macedo Soares Guimarães, o Geógrafo é um "especialis-

ta em generalidades". Ele não é um geólogo ou um geomorfólogo, nem tampouco um sociólogo. Tem isso em comum com o Direito. Vim a saber desse fato curioso com um concunhado meu, desembargador. Fez-me ele ver que há Direito de tudo: Direito de Propriedade, Direito Internacional, Direito do Trabalho, Direito Espacial, Direito de Família, Direito Ambiental, enfim, eles também são especialistas em generalidades. Os geógrafos, assim como os juristas, têm que ter, necessariamente, uma forte cultura geral, inclusive devem conhecer técnicas afins como Cartografia; devem conhecer bastante Matemática (e isso eu trouxe da Marinha). Meus cursos de Cartografia foram muito bons, apesar de ser eu um mau desenhista. Minha mão não me ajuda muito; mas, com os instrumentos, me amoldo e faço as coisas. O mapa tem essa grande virtude: à medida que você o vai fazendo, vai compreendendo uma série de correlações espaciais, que antes você não percebia. Então, o mapa antes mesmo de nascer, já lhe retribuiu um pouco de esforço de sua "gestação". Eu tive dois anos de Cartografia, na Universidade do Distrito Federal, e depois um período de Cartografia na Universidade de Wisconsin, com um ex-asser-sor cartográfico de Roosevelt, nas conferências de Cairo e Teerã. No entanto, ele não sabia o que era um coseno; era um simples e emérito desenhador de mapas, famoso no país inteiro - A.W. Robinson. No curso de Cartografia, da UDF, a parte toda de base matemática era dada pelo professor, que foi também meu professor de Paleontologia e Paleografia, assim como de Geologia. Eu tive dois anos de Geologia na Universidade.

Nós recebemos como legado de Waibel a capacidade de fazer pesquisa sozinhos, e fazer sobretudo pesquisa de reconhecimento. Ele me disse: - Vocês estão em um país grande, pouco conhecido, mas com grandes perspectivas. Vocês têm que começar por um grande reconhecimento deste País, para depois fazer monografias sobre determinados problemas. Mais tarde, no I.B.G.E. sobrevivendo o "golpe" de 1964, com ele vieram aqueles vícios todos, a "geografia quantitativa", que, mesmo depois de derrubada na A.G.B., permaneceu

somente no I.B.G.E., e em Rio Claro. A quantitativa ou Geografia não-positivista, desgraçou a pesquisa geográfica no I.B.G.E. por dez anos, entre 1968 e 1978. Na Assembléia Geral da A.G.B. no Ceará em 1977 fizeram-se as "exéquias" da Geografia quantitativa, em um debate, que teve como base um trabalho de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro de grande erudição, em que a geografia quantitativa foi estraçalhada. A partir dali um grupo criou a chamada Geografia Radical, Geografia Crítica, ou Geografia Marxista, alegando que a geografia era uma ciência puramente social e não deveria cogitar portanto de Geomorfologia, Clima, Biogeografia, etc., o que para mim é errado. Eu aceito certas categorias apresentadas por Marx como por outros economistas, como Max Weber, von Thünen... Eliminar os estudos referentes ao meio ambiente das diversas regiões equivale a presumir que a Terra seja como uma bola de bilhar, toda igualzinha. Então, só os fenômenos sociais têm significação? Contudo, tais idéias se difundiram muito entre professores de Geografia que não eram realmente pesquisadores. Em consequência dessa atitude, os adeptos dessa corrente se tornaram incapazes de fazer um Planejamento Regional, pois além dos problemas sociais, eles precisavam conhecer os recursos naturais da área em estudo, para que ela pudesse desenvolver-se harmoniosamente. O conhecimento da diferenciação regional da Terra, das relações da sociedade com o meio ambiente e dos homens entre si é apanágio do geógrafo e dá à Geografia seu caráter científico. Hoje em dia muitos reconhecem isso; mas, por causa dessa postura, sou também certa discriminação: quando fui eleito presidente da A.G.B., entre 1984 e 1986, o Grupo Radical, que compunha a minha diretoria, não aceitou absolutamente. Houve uma verdadeira sabotagem à minha atividade. Acho que, até hoje, a A.G.B. precisa de um mínimo de organização.

GEOSUL - E falando em A.G.B., gostaríamos de resgatar lá no início, quando o Sr. falou que, quando o Sr. começou a cursar Geografia na Universidade é que a A.G.B. foi criada?

VALVERDE - Isto foi, lá no Rio.

GEOSUL - Quando?

VALVERDE - Em 1936; mas a A.G.B. paulista foi fundada em 1935.

GEOSUL - Dava para o senhor fazer um rápido histórico da criação da A.G.B. e sua evolução?

VALVERDE - A A.G.B. em São Paulo foi criada por um grupo de discípulos e admiradores de Pierre Deffontaines, entre eles, o mais notável foi Caio Prado Júnior, e outros como Agenor Machado, então diretor do Instituto Geográfico e Geológico, Rubem Borba de Moraes, etc. Mas Caio Prado Júnior, como era dono de uma editora - a Editora Brasiliense -, publicou em 1935 uma revista particular de Geografia, com o título de "Geografia". Era de extraordinário valor. Continha reclames dentro, que financiavam a publicação. Saíram apenas 8 números; é hoje uma obra raríssima. Eu tinha alguns exemplares dela, mas perdi muitos, porque fiz transcrever alguns de seus artigos no "Boletim Geográfico", do I.B.G.E., porém, depois, não me foram devolvidos. O meu colega José Ribeiro de Araújo Filho, da USP, tem os 8 números, mas ele está aposentado. Esses volumes constituem uma raridade bibliográfica. Após a quartelada de 1935, Caio Prado Júnior foi preso; lá foi a revista "para o espaço". Pierre Deffontaines veio, antes, para o Rio de Janeiro, onde começou o curso, eu me matriculei logo no ano seguinte (1936). Deffontaines promoveu reuniões estimulantes, feitas no Instituto Nacional de Tecnologia, na Avenida Venezuela, e a maioria dos elementos que a elas aderiram era de geólogos. Não havia então geógrafos no Rio de Janeiro nem no Brasil. A primeira pessoa que se doutorou em Geografia foi Maria da Conceição Vicente Carvalho na U.S.P., já em 1938; ela ainda vive. Foi aluna de Deffontaines e Pierre Monbeig. Este último formou toda aquela

escola inicial, composta de Aroldo de Azevedo, João Dias da Silveira, Ari França, etc. Bem mais tarde, Conceição veio a trabalhar no I.B.G.E. durante muito tempo. O fato é que a AGB do Rio de Janeiro nada tinha a ver com a de São Paulo. Deffontaines queria era fundar núcleos de estudos geográficos. Eu me lembro de várias conferências realizadas no Rio, como a de Josué de Castro, Otto Henry Leonardos, Sílvio Frões de Abreu e pelo próprio Deffontaines, eram reuniões noturnas. Uma vez, convidado a fazer conferência, Preston James me telefonou antes, depois de uma noite de tempestade, perguntando se tinha de ir de "smoking" ou não. Eu lhe disse que não; o traje era de passeio. Chegaram lá 7 pessoas para assisti-lo no auditório do Instituto de Tecnologia. Ruas alagadas, escuras, trânsito muito difícil impediram a vinda de muita gente. Eu coletava inclusive as mensalidades, que custavam três mil réis. Quando entreguei, a tesouraria, deixei como legado para a outra diretoria a "fabulosa" quantia de 15 mil réis, em dinheiro (naquele tempo, não havia transações em cheques; era tudo "ao vivo"). Minha sucessora foi Dora Romariz. Que fim levaram as atas que fiz, não sei; isso pertence ao passado. Só em 1943 Pierre Monbeig substituindo Deffontaines em São Paulo, decidi, combinando conosco no Rio, fazer uma assembléia conjunta, da AGB, na qual se elaborou um novo estatuto, unificando a entidade. Isso aconteceu em Lorena, mais ou menos a meio caminho entre São Paulo e Rio, e terra dos ancestrais de Aroldo de Azevedo. As assembléias dos dois núcleos iniciais, realizadas anualmente no mês de julho, constituíram-se em viveiros de atividades geográficas, de debates, de leituras, de discussões. Havia uma rivalidade fraternal entre Rio e São Paulo, de maneira que os trabalhos apresentados na Assembléia pelos paulistas eram lidos e criticados pelos colegas do Rio, e os nossos eram criticados pelos paulistas. Faziam-se também excursões em conjunto, misturando elementos de uma e de outra escola. De cada trabalho de campo resultava um relatório preliminar. Alguns desses relatórios eram excelentes e foram publicados nos "Anais da As-

sembléia Geral da A.G.B.". Isso perdurou de 1943 até mais ou menos 1978. Nesse ano, em que houve nova mudança dos Estatutos, em Fortaleza, fiz excursão com Caio Prado Júnior e um grupo de jovens ao baixo Jaguaribe e à Chapada do Apodi, onde aprendi muita coisa.

GEOSUL - Já bem mais enfraquecida, depois de 1964?

VALVERDE - Não, não. Pelo contrário. A AGB cresceu demais. No Ceará compareceram 1500 pessoas, enquanto em assembleias anteriores compareciam cento e poucas pessoas. Em 1962, a Assembleia de Penedo, que foi talvez a mais proveitosa, no tempo em que Manuel Correia de Andrade era o presidente, eu fiz excursão ao baixo São Francisco, encarregado de estudar a parte agrária; Aziz Ab'Sáber fez a parte da Geomorfologia, e Caio Prado Júnior, a parte econômica. O relator foi nada menos que o Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, que fez um primor de exposição, com a presença do bispo de Penedo. Esse relatório está publicado. É realmente muito bom. Por volta de 1980, com a ditadura militar já decadente, uma ditadura de economistas do asfalto se estabeleceu no I.B.G.E.; minhas excursões foram impedidas; fomos transferidos do centro da cidade, primeiro para Mangueira, onde fiquei três anos; depois, para a rua Equador, nos fundos da Estação Rodoviária. Fiquei, às vezes, instalado em salas sem janelas. Com isso, eu me aborreci; já tínhamos fundado a C.N.D.D.A. (Campanha Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia) em 1965. Então consegui me aposentar em 1982. De lá até aqui, tenho me mantido em atividade em uma entidade ao mesmo tempo ambientalista e política, nascida da luta contra o projeto do "Grande Lago Amazônico", do Instituto Hudson, cuja construção acabamos por impedir. Conseguimos inclusive sensibilizar o Estado Maior das Forças Armadas. A partir dessa vitória, compreendemos que a cobiça sobre a Amazônia não ia parar por ali. Aquela política louca de desenvolvimento a qualquer custo estava provocando impactos muito sérios na região. Tudo que eu tenho publicado desde

então tem sido essencialmente sobre a Amazônia. Fora a reedição de artigos espalhados por esse mundo, eu publiquei sobre a Amazônia, depois de "A Rodovia Belém-Brasília", que eu fiz ainda no Conselho Nacional de Geografia (1968), elaborei com minha equipe dois volumes sob o título geral de "Organização do Espaço na Faixa da Transamazônica", o primeiro referente à Rondônia e o segundo, ao Acre. Os outros volumes não saíram. Eu já tinha redigido e pronto, o terceiro, cujo original está guardado em minha casa. Seu subtítulo é "O Vazio Demográfico entre o Madeira e o Tapajós". Abrange "apenas" 1.000 km de extensão de estrada, mas já está inteiramente ultrapassado porque a pesquisa de campo foi feita em 1976. Teríamos hoje que percorrê-la de novo. Esse volume jamais sairá. Pela Editora Vozes publiquei, em 1980, "O Problema Florestal da Amazônia Brasileira", e pela Forense Universitária, em 1989, "Grande Carajás - Planejamento da Destruição". Este livro serviu de base para uma ação popular contra as guseiras queimando carvão vegetal e propondo soluções alternativas. O "Atlas Ambiental do Acre", em colaboração com Rodolpho P. Barbosa, saíu em junho de 1991. Temos também atuado diretamente em defesa da floresta e de seus habitantes, os grandes ignorados em todos os projetos financiados pelo governo ou dele próprio. Fiz, ademais, uma grande quantidade de artigos e conferências. Enquanto a gente trabalha, esquece de envelhecer.

GEOSUL - Queria fazer uma pergunta. O senhor falou da sua vida desde a infância, vida profissional, em termos de I.B.G.E. e como se deu sua trajetória, em termos de ensino? Na Universidade, porque o senhor é professor?

VALVERDE - Bem, devido as minhas posições políticas (eu sempre fui contra as ditaduras, e sobrevivi a duas delas), as Universidades sempre me fecharam as portas. Então nunca tive a chance nelas. Formei-me como geógrafo-pesquisador e fiz carreira no I.B.G.E. Com todos os defeitos que ele tenha hoje, devo a ele minha carreira. Uma vez, cometi a

insensatez de me inscrever num concurso, em 1965, para a Cadeira de Geografia Econômica, da U.F.R.J. Quatro pessoas, ao todo, se inscreveram; mas esse concurso nunca se realizou. Passado um longo tempo, em 1969, eu soube que o concurso não ocorreu, porque eu me inscrevera. Então, peguei minha tese e a publiquei na França, sob o título "Características e tendências das plantations brasileiras". Saíu com um francês muito bonito, e eu gostei muito porque uma colega "enxugou" o meu francês, de modo que ficou uma beleza! Até 1965, eu só tinha experiência de ensino médio. Eu cursara a U.D.F. De acordo com o próprio estatuto da Universidade teríamos garantida, no final do curso, nomeação imediata como professor de ensino médio. Sem embargo, para conseguirmos isso levamos 10 anos de luta judicial e política no "falecido" Estado de Guanabara. Não obstante, o tempo que eu esperei, entre 1940 e 1965, foi contado apenas para aposentadoria, mas não ganhei nada de atrasado.

Em 1965, um professor da Universidade da Califórnia em Los Angeles (U.C.L.A.), visitou o Conselho Nacional de Geografia e teve contato comigo; gostou da minha atividade e me convidou como professor visitante. Lá fui eu, com Miriam e as duas meninas menores, para Los Angeles, para ensinar Geografia Agrária Tropical. Dei curso somente em um período. Depois em 1967, o Professor Pfeifer, Diretor do Instituto de Geografia da Universidade de Heidelberg, me convidou também para lecionar lá Geografia Tropical, com ênfase no Brasil. Depois, em 1969, o Professor Guy Lasserre me convidou para ser assessor de pesquisas no Centre d'Études de Géographie Tropicale, de Bordeaux, anexo à Universidade. Fiquei lá por um período também. Passado isso tudo, em 1976 a P.U.C. do Rio me convidou também para ensinar Geografia Agrária do Brasil. O Diretor do Instituto de Geografia era o meu colega lá de Wisconsin e antigo chefe, Fábio de Macedo Soares Guimarães; mas eu moro no Leme e a P.U.C. do Rio é na Gávea. Se eu tomasse um táxi, fosse lá dar aula e voltasse, o meu salário era pior que o do Professor Raimundo, era "assim" (mostra o tamanho com

a mão). Depois de 6 anos, ele se aposentou e eu, no dia seguinte, pedi licença sem vencimento, para não voltar mais. Alguns anos mais tarde, eu vi que... não ia voltar mesmo: Fábio Macedo Soares Guimarães já havia morrido; o curso de Geografia estava moribundo e acabou fechando. Pedi demissão definitivamente quando voltei lá recentemente, para tratar de uma colaboração entre a C.N.D.D.A. e a Fundação Pe. Leonel Franca, qual não foi minha surpresa ao ver meu nome entre os dos professores da PUC. Vejo assim, que estou apenas simbolicamente como professor ali, mas não exerço o magistério nem recebo nada. Depois de ensinar no estrangeiro, ser "proletário da cultura" no Brasil é muito ruim. Na realidade, por um capricho do destino, gosto de ensinar, mas não fiz carreira como professor. Em compensação, aprendo, e aprender é melhor do que ensinar, porque é um avanço no desconhecido. O Brasil tem essa grande virtude: é tão grande, tão complexo, tão mal administrado e tão pouco estudado que, de vez em quando, descobrem-se fatos novos, até hoje. Isto é expressamente animador.

GEOSUL - E geógrafo tem tudo para ir nessa.

VALVERDE - Tem; indo para o campo, tem. Na realidade, considero-me um geógrafo "Senior", com larga experiência acumulada, desde as primeiras pesquisas em 1943, e, sistematicamente, de 1947 até hoje. Aplico, meus conhecimentos, brigando pela sobrevivência dos povos e da cultura dos habitantes da floresta, índios, seringueiros, castaneiros... É um compromisso ético, que enquanto eu não estiver "bando na gravata", mantereí. Só deixarei de trabalhar quando vir que não terei mais condições. Porém, justamente por isso, esqueço-me de envelhecer.

GEOSUL - E D. Miriam é a grande companheira?

VALVERDE - Companheira que me apoiou decênios, em casa, criando a filharada. Eram sete, sendo cinco homens. O homem é, em regra, mais difícil, mais elaborado de criar; mais

peralta, vadio, menos responsável. Embora tenha havido exceções lá em casa, as meninas deram muito menos trabalho. Ela criou e educou toda aquela gente. Agora, eu não a levo em todas as excursões, mas apenas quando vou a um lugar civilizado. Levei-a aos Estados Unidos duas vezes e três à Europa. Ao Sul também, naturalmente! Aqui tivemos praticamente nossa lua de mel; nesta Ilha; pois com três meses de casados viemos para cá, de ônibus, em 1940. Tenho recordações muito gratas daqueles tempos...

GEOSUL - Para nós, é muito gratificante tê-los aqui.

GEOSUL - Sobre o projeto Carajás, qual foi o seu contrato?

VALVERDE - Isso é até uma coisa curiosa. Um dia, me chamaram na Companhia Vale do Rio Doce, convidando-me para fazer uma pesquisa num Departamento de Meio Ambiente, na serra dos Carajás.

GEOSUL - Da Vale do Rio Doce...

VALVERDE - Sim. Na época da ditadura militar, o Projeto Grande Carajás era dirigido por uma comissão interministerial, lá de Brasília, que conhecia os problemas amazônicos tanto quanto eu conheço os de astronáutica. O fato, é que ela fez na Amazônia oriental um mundo de besteiras. Deflagraram violências incríveis, degradação ambiental, grilagem de terras... Mas, naquela área de cerca de 300 e poucos km² que a "Vale" possui na região da Serra dos Carajás, onde há a maior concentração de ocorrência de minerais metálicos na superfície da Terra, ela mantém um controle ambiental extraordinário, perfeito. A cidade de Carajás é um exemplo do que o Brasil poderia fazer, do ponto de vista de conservacionismo. Não há, poluição ambiental, não há destruição da floresta, já há educação ambiental desde a escola primária. Lá não existem animais em cativeiro; não há gatos, nem cachorros, nem passarinhos, nada. Tudo está em liberdade, num platô, que é uma superfície de ero-

são de 700 m, com uma das paisagens mais lindas da Terra. Como lá chove muito, o minério quase não produz poeira. Na mineração de ferro e manganês a céu aberto, na estação seca, passa um caminhão imenso (que lá chamam de barriga d'água), de hora em hora, espalhando água, para evitar o levantamento de poeira.

Enfim, é uma sociedade que não tem nem polícia, porque não tem marginalidade, e praticamente não há crimes. A última vez que houve uma ocorrência policial, foi no ano retrasado: um homem foi expulso; era empregado da "Vale" e matou um jacaré. Não havendo polícia, nem ladrão, nem poluição ambiental, eu considero um dos lugares mais belos, mais promissores do Brasil. No Programa Grande Carajás, entretanto, a CVRD tinha um voto apenas, contra "n" votos ministeriais, de gente ignorante, de politiquieiros sem escrúpulos. O resultado é que ela foi, quase sempre, derrotada. Eu fui mandado para estudar os impactos ecológicos ao longo da área de influência da Estrada de Ferro Carajás, mas meu relatório foi tão veemente, que a "Vale" não quis publicá-lo. Meu contrato, entretanto, permitia que, depois de seis meses, não tendo sido o relatório publicado, eu poderia levá-lo a uma editora particular. E assim fiz. Esse material serviu de base, além disso, para uma ação popular contra as "guserias" financiadas pelo governo: duas em Macapá e uma terceira em Açailândia. Mas a ação está paralisada na justiça há 2 anos.

GEOSUL - E a "Vale" não tem participação nesse projeto das "guserias"?

VALVERDE - Não.

GEOSUL - É só do Projeto "Ferro Carajás"?

VALVERDE - É. Só a comissão interministerial e as fábricas de gusa (estas responsáveis pela devastação das matas e dos cerrados de Minas Gerais) têm interesse naquilo; porque os caminhões que abastecem de carvão vegetal os 40 altos

fornos de Minas, a partir de Sete Lagoas têm que percorrer 1.000 km de estrada. Assim, 70% do custo de produção do gusa em Minas estão no combustível. No leste da Amazônia tudo está à mão. Por 8 a 10 anos, as guserias ali situadas vão saquear aquela região de maneira atroz, uma região de equilíbrio ecológico muito frágil. Na área de Açailândia os solos são derivados de um arenito do Cretáceo chamado "Sambaíba", extremamente friável. Na estrada que vai para São Luís (BR-222), fotografei um trecho com estes solos, onde uma carreta mergulhou numa "voçoroca", porque o chofer dormiu no volante. Ela estava a uns dez metros abaixo do nível da estrada. O motorista morreu e as mercadorias foram roubadas. Com a degradação dos solos, o lençol d'água, que já era profundo, quando revestido pela floresta (estava em torno de uns 60 metros abaixo da superfície), agora está 100, 120 metros. Nos povoados por onde a estrada passa, mocinhas e crianças carregam latas d'água na cabeça, desde a beira do rio até lá em cima, enquanto não chega, de vez em quando, um caminhão da "Vale" com óleo diesel para abastecer a bomba. No entanto, Tucuruí mantém numerosas turbinas ociosas, sem fornecer energia para aquelas populosas comunidades, à margem da BR-222. Trabalha para atender sobretudo às duas grandes usinas de alumínio - a da ALUMAR, que é uma associação da ALCOA com a Shell, em São Luís, e a ALBRÁS, uma associação da Nalco (Nippon Aluminum Company) com a Vale, mas controlada pela primeira. Isso tudo eu denunciei, mas o governo congelou o processo na Justiça. Bom, esta foi uma derrota; mas em outras questões temos tido algumas vitórias.

GEOSUL - Esta entrevista foi realizada na sala da Revista GEOSUL no dia 4 de outubro de 1991, com a participação do Prof. Galvan, Profª Arlene, Profª Dolores, entrevistando o Professor Orlando Valverde e sua esposa, D. Miriam. Agradecemos muitíssimo e desculpem o excesso de tempo que lhes tomamos.

VALVERDE - Você foram tão hospitaleiros que é minha única forma de retribuir tanta generosidade. Muito obrigado.

Bibliografia

- VALVERDE, Orlando. O Problema Florestal da Amazônia Brasileira. In: **Geografia; Teoria e Crítica**. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 1982. pp.185-196.
- _____. O Arroz no Maranhão. **Boletim Carioca de Geografia**. Rio de Janeiro, vol. 16, pp.1-29, AGB/Secção Regional do Rio de Janeiro, 1963-64.
- _____. A Rodovia Belém-Brasília. In: **Revista Brasileira de Geografia**, IBGE, vol. 34, nº 1, pp.185-186, jan./mar. 1972.
- _____. A Fazenda de Café Escravocrata no Brasil. In: **Revista Brasileira de Geografia**, vol. 29, nº 1, pp.37-81, jan./mar. 1967.
- _____. Estudo Regional da Zona da Mata, de Minas Gerais. In: **Revista Brasileira de Geografia**, vol. 20, nº 1, pp.3-82, jan./mar. 1958.
- _____. **A Organização do Espaço na Faixa da Transamazônica**. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.
- _____. **O Planalto Meridional do Brasil**. Rio de Janeiro: CNG, 1957.
- _____. Excursão à Região Colonial Antiga do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, vol. 10, nº 4, pp.477-528, out./dez. 1948.
- _____. **Geografia Agrária do Brasil**. Centro Bras. de Pesq. Educacionais. Rio de Janeiro, 1964. 364p.
- VALVERDE, O. & MESQUITA, M. Geografia Agrária do Baixo Açu. **Revista Bras. de Geografia**, vol. 23, nº 3, pp.3-41, jul./set. 1961.
- VALVERDE, O. Geografia Econômica e Social do Babaçu no Meio Norte. **Revista Bras. de Geografia**, vol. 19, nº 4, pp.381-420.
- VALVERDE, O. Contribuição de Leo Waibel à Geografia Brasileira. **Revista Bras. de Geografia**, vol. 30, nº 1, pp.74-83, 1968.